

REPUBLICA PORTUGUEZA

*Eccos da Revolução*

5 - Outubro - 1910

1910  
TYPOGRAPHIA ALMEIDA & MACHADO  
*Rua da Palma, 134 a 138 - LISBOA*

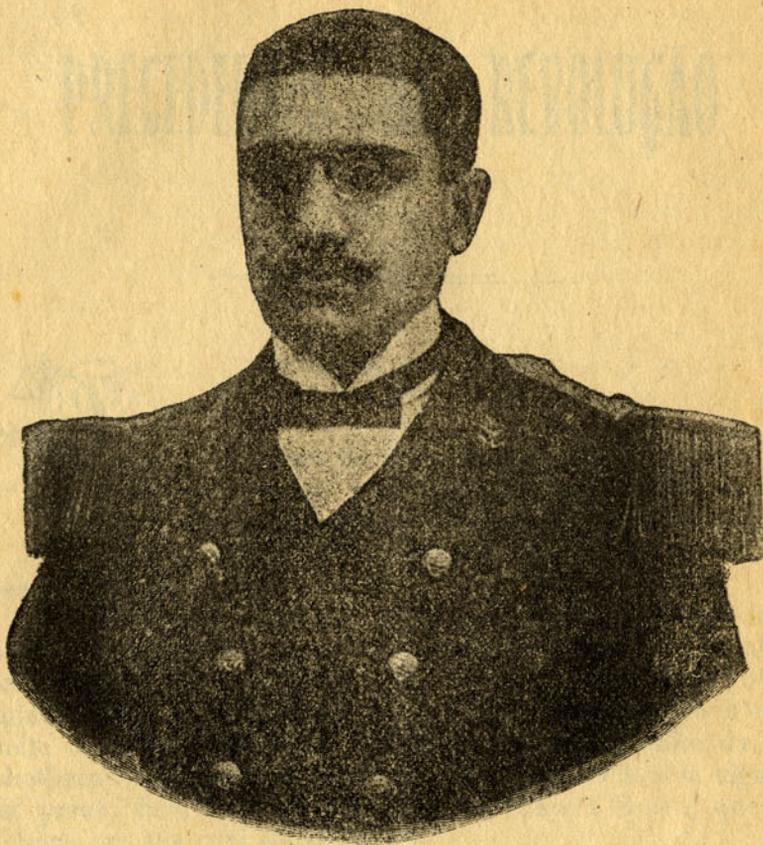


---

ECCOS DA REVOLUÇÃO

---





*Machado dos Santos*

*Heroe da Revolução*

5-10-1910

# PRECEDENTES DA REVOLUÇÃO

**D**ESDE a dictadura de João Franco, em 1907, que em todo o Portugal, principalmente em Lisboa, se respirava um ambiente carregado dos maiores sobressaltos, devido ás repressões de que todos vinham sendo victimas.

D'ahi nasceu a necessidade d'uma revolução, no que logo pensaram alguns dos nossos mais influentes caudilhos republicanos. Fixou-se para isso a noite de 28 de Janeiro de 1908. Infelizmente a conspiração foi descoberta, e quando n'essa noite o Dr. Affonso Costa se encontrava no elevador da Bibliotheca, esperando a hora aprazada para o devido signal, foi preso, bem como o Visconde da Ribeira Brava, que se achava em sua companhia.

A mesma sorte tiveram João Chagas, Antonio José d'Almeida, Alexandre Braga, França Borges e outros, os quaes foram internados nos diversos quartéis da Guarda Municipal e esquadras de policia.

Um ministro partiu logo para Villa Viçosa, onde se encontrava D. Carlos, caçando, levando comsigo um decreto para assignar, em que seriam victimas das mais odiosas vinganças os insignes caudilhos acima mencionados, bem como muitos outros.

A 31 de Janeiro, regressava a Lisboa, o mesmo ministro portador do referido decreto, assignado pelo rei. No dia seguinte desembarcava D. Carlos na estação do Terreiro do Paço, e tomando uma carruagem descoberta, como que provocando esse bando de ovelhas, como elle designava o nobre povo d'esta nação.

Acompanhava-o na mesma carruagem, a rainha e seus dois filhos, o príncipe D. Luiz Filippe e o infante D. Manuel, seguindo a alguma distancia o infante D. Affonso, que guiava um automovel.

Ao passarem, porem, á esquina do Terreiro do Paço e Rua do Arsenal, dois homens avançaram, puxando um d'uma carabina, e outro d'um revolver, dispararam alguns tiros sobre a carruagem regia, que feriram mortalmente o rei e o príncipe D. Luiz, e mui ligeiramente o infante D. Manuel.

Os regicidas, que eram, Manoel dos Reis Buiça e Alfredo Luiz da Costa, foram ali mesmo chacinados pela policia, pagando assim com a vida, a acção heroica praticada.

Ao mesmo tempo era preso um infeliz, chamado Sabino Costa, o qual nada tinha com o caso, indo para a esquadra Camara Municipal, onde apesar dos protestos da sua innocencia foi barbaramente assassinado pelos janizaros da policia. E assim tão tragicamente terminou uma dictadura, que trazia o povo cheio de terror, sem saber qual seria o seu fim.

\*

\* \* \*

O governo seguinte, o primeiro do rei D. Manuel II, presidido pelo conselheiro Ferreira do Amaral, deu a amnistia a todos os presos, os quaes foram postos em liberdade regressando a Lisboa alguns que se tinham afastado do Reino.

Ainda mais se enraizou no espirito do publico, depois das primeiras eleições, d'esse reinado, que custaram a vida a alguns cidadãos que só uma Republica os poderia redimir do jugo tyranno. Organizaram-se associações secretas, algumas das quaes foram descobertas, e presos e condemnados alguns dos implicados n'ellas.

Finalmente a 3 d'Outubro, um facto bem memoravel, parece ter sido o inicio d'uma revolução. Foi o traiçoeiro assassinato do Dr. Miguel Bombarda. Os espiritos exaltaram-se e finalmente na madrugada de 5 de Outubro, já depois de na noite de 4 terem alguns bandos de populares percorrido as ruas da cidade manifestando-se contra o elemento clerical, como principal culpado da morte do eminente doutor, á 1 e meia da madrugada, reuniram-se alguns bandos revolucionarios, dando começo á revolução, que nos livrou do jugo dos tyrannos Braganças.

Segundo alguns jornaes noticiaram, o movimento teve o seu inicio, conforme transcrevemos:

# A Revolução

## Em Infantaria 16

O regimento de infantaria 16 insubordinou-se á 1 hora menos um quarto. Os soldados e cabos, porque alli não se contava com um unico official ou sargento, saíram das casernas, armaram-se e reuniram-se na parada em grande vozeria, soltando vivas á Republica. Pouco depois da meia noite e meia hora, sahiam do Centro Republicano de Santa Izabel, o heroe Machado dos Santos que alli se fardara, em companhia de mais 16 revolucionarios, armados com pistolas e de alguns que esperavam obter espingardas no quartel. Forçada a porta das armas, subiram por uma especie de alçapão e chegaram á parada justamente na occasião em que as companhias se revoltavam.

Os officiaes e sargentos, inteirando-se do movimento fizeram fogo para a parada das janellas da sala dos officiaes, depois de gritarem aos soldados que se recolhessem. Algumas praças responderam ás descargas dos officiaes disparando para as janellas, ferindo alguns officiaes e obrigando os outros a refugiarem-se no interior. Entretanto Machado dos Santos empregava todos os meios para metter aquella multidão desordenada dedaixo de fórma, nada ou pouco conseguindo em vista da excitação.

Sahiram em confusão. A' frente Machado dos Santos, auxiliado pelos grupos civis conseguiu transmittir a todos que iam a artilheria 1. Em Entremuros tiveram noticia de que as baterias já estavam em pé guerra, havendo lucta com alguns officiaes dentro do quartel. Auxiliaram a sahida do regimento que trazia tres ou quatro officiaes republicanos. E com o auxilio de outros tres que alli se tinham ido juntar para tomarem o commando do 16, conseguiram formar a infantaria por companhias, seguindo á frente Machado dos Santos com um pelotão de infantaria e forças populares. A columna composta dos dois regimentos, era commandada por um capitão.

## Em Artilheria 1

No dia 4, ás 11 horas da noite, reuniram-se os conjurados na feira da Avenida e combinaram a maneira de fazer o assalto. Dispersaram em pequenos grupos e dirigiram-se para o quartel, onde chegaram ás 12,30. A' uma hora, conforme estava combinado, os cruzadores S. Raphael e Adamastor deram o signal de avançar. O grupo penetrou no quartel, com consentimento das sentinellas, e dirigiu-se aos quartos dos officiaes, guiado pelo sargento Rego. Tinha ficado estabelecido que não se faria mal aos que se recusassem a adherir, salvo se elles fizessem uso de armas. Com effeito, não houve effusão de sangue, porque poucos offereceram resistencia e essa mesma era debil. Os officiaes eram uns 15.

Presos e subjugados todos, conduziram-nos a uma sala, onde lhes exigiram o juramento de se conservarem em absoluta espectativa. Ficaram a guardar os seis dos revolucionarios e os outros sahiram para acompanhar o regimento. N'esta altura já na parada se procedia á organização da força, distribuindo-se armamento aos populares que iam chegando. Pouco depois chegou a força de infantaria 16, que tinha sido trazida para a rua por identico grupo de revolucionarios. Comandava-a o commissario naval Machado dos Santos. No momento do encontro houve entusiasticos vivas á Republica. Depois todos trataram de arranjar armamento e munições, inutilizando-se algumas peças que não estavam em condições de seguir. Eram quatro horas da manhã quando ambas as forças se puzeram em marcha, com destino á Rotunda. A de artilheria era commandada pelo capitão Palla. A saída foi retardada por um incidente imprevisto: um dos officiaes tinha conseguido escapar-se, e a bateria do seu commando estava um pouco resistente em adherir. Foi preciso que Machado dos Santos se lhe dirigisse com termos convincentes, conseguindo demovel-a ao fim d'um entusiastico discurso. Entretanto, os populares que ficaram de guarda aos outros officiaes providenciavam para que nenhuma commodidade lhe faltassem, auctorisando-os a escrever ás familias, mediante subseqüente leitura das cartas.

Por fim ambos os regimentos se puzeram em marcha. N'esta altura o concurso de populares era já numeroso. Os que tinham entrado no quartel eram apenas os conjurados da Rotunda, em numero de 17 e mais uns dois ou tres que se aggregaram.

Como acima dizemos, as forças puzeram-se em marcha ás 4 horas da manhã. Ao chegarem á rua Saraiva de Carvalho, tiveram o primeiro ataque, feito por um esquadrão de cavallaria da guarda municipal. No Rato foram novamente atacados, por outra força da guarda municipal e pela policia da esquadra do sitio. Nas Amoreiras tambem houve um ataque que foi repellido com descargas de polvora secca. Finalmente, chegaram as forças á Rotunda, onde definitivamente acamparam.

## A bordo do Adamastor e do S. Raphael

Rompia a madrugada gloriosa da Revolução. Lá em cima, nos pontos altos da cidade, a fuzilaria echoava, deixando no espirito de todos a dolorosa incerteza do que se ia passar.

Seis horas da manhã, Um grupo de amigos, resolveu partir para a Outra Banda, e assim levar ali o grito de revolta. Em Cacilhas encontraram-se com Feio Terenas e Bartholomeu Constantino, o que simplificou enormemente a sua tarefa.

Pediram-lhes que falassem ao povo, que lhes lembrassem o seu dever de verdadeiros patriotas. O povo, aglomerado em torno soube que era preciso defender a todo o transe o ideal commum, mas que o menor excesso ou o mais insignificante desacato não faria mais que deslustrar o nome do nosso partido. Em duas fabricas que visitaram n'essa occasião, os operarios saíram para a rua n'uma onda de entusiasmo, aclamando a Republica. Estava lançada a semente, e a semente havia de fructificar.

De volta a Lisboa, pediram ao mestre do barco que passasse o mais proximo possivel do *Adamastor*, que talvez pudessem communicar assim com as praças que estavam a bordo. Transportava-os um vapor da carreira, e não puderam por isso parar junto do cruzador como era seu desejo. Mas alguém da amurada d'aquelle vaso de guerra, fazia signaes para que ali fossem sem demora. Era o tenente Cabeçadas, que facilmente reconheceram entre a marinhagem.

Chegados ao Caes do Sodré, não hesitaram um instante. Um bote fretado na occasião transportou-os ao *Adamastor*, onde lhes foi communicado que a officialidade do *S. Raphael* não adheria ao movimento. N'aquelle navio, só o estado menor estava disposto a combater pela Republica, e pediam que custasse o que custasse, levassem a bordo dos dois cruzadores alguns officiaes para não se arriscarem a soffrer um fracasso.

No quartel dos marinheiros, para onde immediatamente partiram souberam com grande espanto que só havia quatro officiaes á frente do movimento, e d'esses apenas um os poudé acompanhar: o valoroso 1.º tenente Tito Augusto de Moraes, que com mais populares armados embarcou, a bordo do primeiro vapor que encontraram, para o *Adamastor*.

Transmittidas algumas ordens ao heroico tenente Cabeçadas, seguiram para o *S. Raphael*, onde os officiaes vieram immediatamente inquirir qual era a sua situação a bordo.

—Ou adherem, ou consideram-se presos! respondeu com enérgica decisão o tenente Tito de Moraes

A officialidade declarou conformar-se, desde que lhes fosse dada uma ordem por escripto. E após essa formalidade, todos foram conduzidos sob prisão ao quartel do corpo. A bordo ficou o commensario naval Marianno Martins, que chegou na occasião em que iam partir para terra.

## ECCOS DA REVOLUÇÃO

Entregaram no quartel os officiaes presos, algumas munições de guerra e uma força de marinheiros que devia ali ficar. Lá alto o sol. Ao voltarem pela terceira vez a bordo, começava a manobra para se levantar ferro. Nesta altura chegou uma ordem de terra, pedindo uma metralhadora e respectivas munições. Foi Julio Victorino dos Santos e mais alguns populares armados, que vieram trazer-a ao seu destino n'um escaler de bordo.

Do quartel tiveram de partir novamente para o *Adamastor*, com ordem de ser iniciado o bombardeamento das Necessidades. O fogo, lá de cima, era infernal e as forças que desempenhavam a ingrata missão de defender a causa monarchica metralhavam furiosamente o quartel dos marinheiros. O *Adamastor* veio collocar-se, em frente de Alcântara, no que foi imitado pelo *S. Raphael*, o navio chefe, dando-se começo ao bombardeamento após algumas manobras.

Após o bombardeamento foram ao quartel levar munições. Tinham resolvido ali deixar a defeza entregue aos populares, embarcando toda a marinhagem e officialidade, a fim de que os navios tomassem posições no Terreiro do Paço e eventualmente se pudesse effectuar um desembarque, sem que as tropas fossem dizimadas durante o trajecto.

Os canhões trovejaram em frente da Rua do Ouro, e algumas granadas foram explodir no Rocio. O *S. Raphael* fundeu em frente do Caes da Alfandega. Afigurava-se que se ia passar uma noite de tragedia.

Oito horas da noite. O valente commissario naval Marianno Martins e Julio Victorino dos Santos dirigiram-se a terra n'um escaler para saber noticias. Encontraram atracado um vapor da Alfandega, cuja guarnição nenhuma duvida teve em collocar-se ao seu lado. Voltaram n'elle para bordo.

A certa altura começaram a destacar-se das trevas as silhuetas de barcos que se aproximavam. Eram falúas e rebocadores, apinhados de povo que pediam armas e quartel a bordo. Dividiram-se pelos dois cruzadores.

A's 9 horas e meia da noite a sentinella avista um escaler conduzindo praças fugidas do *D. Carlos*. Os officiaes d'aquelle navio tinham separada a guarnição, metade á pôpa e metade á prôa.

Tinham-se entricheirado a meia nau, armados, e com as munições guardadas. A bordo do vapor da Alfandega partiu um grupo mixto de marinheiros e paisanos armados sob o commando do tenente José dos Reis de Maia; a meia nau do cruzador recebe-os a tiro.

Z-se fogo de parte a parte, e, por fim, todos os officiaes vieram para terra, ficando feridos o commandante e o tenente Martha.

No quartel do corpo, tambem os marinheiros se portaram heroicamente, ao lado do bravo tenente Ladislau Parreira, defendendo-se dos ataques dados por infantaria e cavalleria da Guarda Municipal e infantaria 1 e 2.

E' incontestavel que foi este corpo, um dos que mais contribuíram para a redempção da Patria e Liberdade!

Dentro do quartel encontrava-se grande numero de populares

## Momentos decisivos

Desde a meia noite até á madrugada de 5 d'outubro os cruzados *Adamastor* e *S. Raphael* redobram de vigilancia com os holophotes, não cessando o bombardeamento aos pontos onde supõem estar forças inimigas.

A's 2 horas e meia da madrugada uma força de infantaria da guarda municipal, sob o commando do capitão Passos, formava linha de atiradores na rua de S. Pedro d'Alcantara, desde a calçada da Gloria até á antiga séde da legação de Hollanda, distribuindo vedetas pelo jardim. Pouco depois chegam esquadrões de lanceiros 2 e de cavalleria da guarda municipal, que tomaram posições estrategicas, distribuindo patrulhas pelas ruas proximas. A's 3 horas, do lado da Avenida, deram-se repetidos toques de cessar fogo, e em S. Pedro d'Alcantara, começam as forças inimigas a construir pontes da rua das Tappas para a travessa do Falla-Só, a fim de atacar os revolucionarios, que ficaram em posição difficultosa, pois, defendendo-se tinham de attingir o hospital de sangue, installado na misericordia.

A's 3 e 3 quartos, o clarão do incendio da Avenida, que não poude ser combatido, devido ao tiroteio recommçado pela guarda municipal, de que resultou os primeiros bombeiros que chegaram serem feridos, illumina parte da cidade.

A's 5 e meia, as forças fieis ao regimen e postados em S. Pedro d'Alcantara, atacam, raspondendo-lhes artilherio 1, que causa destroços, assim como uma das balas desaba a chaminé da Misericordia, cahindo sobre a enfermaria, o que causa panico entre os doentes. Os defensores da monarchia são em seguida postos em debandada com o auxillio d'uma metralhadora, que apparece no topo da rua D. Pedro V.

São 6 e meia, ouve-se um violento e nutrido tiroteio para os lados da Avenida. E' o momento decisivo. Pela rua do Ouro sóbe uma força de marinheiros e populares armados, arrastando peças de 15. Assesta-as, e apoz um nutrido fogo, caçadores 5 e infantaria 5, rendem-se. Os revolucionarios soltam vivas á Republica, entram no quartel general e içam a bandeira republicana.

Em signal de regosijo dispararam-se tiros para o ar. O enthusiasmo é louco, principalmente quando no castello de S. Jorge, ás 8 horas, é içada a bandeira republicana, a que uma força de caçadores 5 presta as honras, ficando a guardal-a. Um quarto d'hora depois fluctuavam pelas janellas bandeiras verdes e encarnadas, calorosamente saudadas pelo povo.

A's 8 horas da manhã considera-se alcançada a victoria.

## A FUGA DA FAMÍLIA REAL

## "Das Necessidades a Gibraltar"

No Paço das Necessidades o rei ouve as nutridas salvas de infantaria e o ribombo dos canhões, ao longe. Que é dos servidores? As paredes sussurram ainda o ecco das palavras lisongeiras dos cortezãos. Elle conhece-lhes a vozes. Volta-se Julga vê-los. Mas nada. Silencio nas vastas salas. Sabugosa, pallido, cofia o bigode grisalho, lembra-se, por certo, das paginas em que descreveu guerras portuguezas, tomadas de castello, e nas chronicas, a fuga dos reis coroados, em perigo, enquanto os famelicos aulicos se escondem, ou apressam-se a adherir aos vencedores. E' a attracção do sol nascente! Fayal não sorri, feliz, impando de saude, moço, apesar dos cabellos brancos abundantes. A sua forte estrutura impõe um pouco de confiança ao rei. Mas o pavor apossa-se, tyranno, do animo do Bragança. E' D. João VI que a anemia e mais um seculo de degenerescencia refinaram. Cae nas poltronas, sem forças. Levanta-se, passeia, accentua nojesgar o prognostico da face. Vae ao oratorio e resa, quasi a tocar com a fronte no chão.

A' tarde, o cruzador começa a lançar as granadas. O rei foge, mais livido, para a outra extremidade do palacio, para o *atelier* onde D. Carlos pintava e recebia as visitas patuscas. Quer partir. Quer a todo o transe, febril, tremendo, apesar das injuncções de Fayal. Para onde? Seja para onde fôr. O ruido da artilheria e as noticias que do *commando* geral lhe communicam imprimem á volição da creatura infantil uma grande energia. Desaba uma das torres, ruida pelas granadas. Ha um ruido formidavel. O rei quer fugir a todo o transe. Telephonam para uma *garage*, pedindo um automovel. O automovel é retido no caminho. Augmenta a anciedade. O rei estende-se sobre o divan largo e fofo, a um canto do *atelier*. Sorri, n'uma parede, sobre a onda verde, o corpo nú de uma mulher de olhos verdes liquidos, obra de D. Carlos.

Telephonam novamente, pedindo o automovel. E' preciso fugir! Correm pela Tapada das Necessidades, saltam os muros, para o jardim Franzidi, recente acquisição de D. Manuel. O rei treme, quasi se lhe vergam as pernas. O rei pergunta pelos seus validos, pela côrte. Não ha ninguem! Sabugosa tem palavras de conforto. Fayal volta ao telephone. Waddigton espreita pela janella. E a cada ruido insolito, o rei estremece, soergue-se. Veem prende-lo, matál-o? E a scena tragica de 1 de fevereiro surge, n'um fundo de sangue, no cerebro allucinado.

— Emfim! annuncia Sabugosa.

Fazem-se os preparativos. N'um automovel do paço seguem alguns creados. No da *garage*, vae o rei, embrulhado n'uma manta, na caixa, escondido. Fayal toma o volante. Reunem-se em Loures, caminham juntos para Mafra, entram no Paço Real. O rei está mais calmo, alli. Faz prevenir da sua chegada a rainha, que em Cintra, ansiosa, espera noticias da fuga. Quem sabe? Talvez appareçam ainda alguns defensores do throno! Vasconcellos Porto, com os seus sicarios, Jacintho Candido com os seus bispos, padres e fradalhões armados, padre Matos respirando chispas, José Luciano salvador com artes varias telephonará conselhos, apoiado ás muletas.

E a côrte, a côrte? Ha de vir com as ligas monarchicas, distribuindo bentinhos ás burguezinhas snobs e ás fidalgas cretinas. O que fará a tropa, alli? Hostil? Fiel? E a irmandade do Santissimo Sacramento de que elle é irmão? A noite é de vigilia. O rei succumbiu. Não reage. Já não pensa. Sabugosa tem um olhar de profunda piedade na face triste e pállida. Fayal passeia, mordiscando o bigode. Fayal admira-se do isolamento. Que é dos amigos, dos fradalhões recamados de veneras, das mãos sempre abertas a pedir?

Chega de Cascaes a noticia, que Jorge Sabugosa e Jorge Bleck levam, de que o principe real embarcára em Cascaes, no *Amelia*, por ordem do governo provisorio, para ir recebel-os á Ericeira. Acompanha o principe real o seu ajudante de campo. O conde da Ponte, que ficára em Cascaes, offerecera-se para ir no *yacht*, quasi sem tripulação. Então Soveral não manda a esquadra de Gibraltar? Contam a despedida commovente de D. Affonso, as lagrimas dos pescadores, as lagrimas do principe, com saudade da Patria. O rei não houve. Que farão os soldados, em baixo? pergunta. O medo tolhe-lhe os movimentos. Todos tem receio. Sim: o que fará a tropa?

— Desgraçado do que nasceu n'esta terra, suspira D. Manuel.

São as ultimas palayras que pronuncia em Portugal Saem. O rei chora. O commandante da força tem ordem para protegê-lo. Respiram. Partem para a Ericeira. Ali, o povo proclama a Republica. Chegam as duas rainhas. A rainha D. Maria tem o aspecto indifferente de quem já nada espera da vida.

A rainha D. Amelia mostra, na face linda que a dôr espirituallisa, nos grandes olhos castanhos, tão doces, uma expressão calma. O momento é de commoção. As lagrimas borbulham nos olhos de todos. Despedem-se. O aperto de mão do rei é molle, apesar de demorado. Compram o unico alimento que é possivel encontrar na Ericeira — pães. O *yacht* está quasi sem mantimentos.

Não houvera em Cascaes a presença de espirito para fornecer-se. A rainha D. Amelia entrega duas cartas ao conde de S. Lourenço, para Cascaes.

Embarcam o rei, as rainhas, o conde de Sabugosa, marquez do Fayal, Antonio Waddington, Vellez Caldeira, D. Vasco Belmonte, as sr.<sup>as</sup> marquezas de Unhão, condessa de Figueiró e D. Maria de Menezes.

O barco segue. O dia é de trovoadas. Imobilizam-se no ceu nubes cinzentas. Os lenços acenam, mas os olhos estão marejados de lagrimas, não vêem.

O *Amelia* larga, pelo mar agitado, branco e ligeiro, até que se perde no horizonte... E' um throno que se afunda.

O rei, porém, dizia :

—Quero ir ao Porto. Hei de lá encontrar amigos e tropas fieis. O povo do Porto é devotado á monarchia. Estou certo de que poderei seguir de lá sobre Lisboa e bem acompanhado...

Mas as rainhas não lhe consentiram e resolveram dirigirem-se logo para Gibraltar. O rei accedeu. Mas d'ahi por diante, á esperança que nunca deixara de lhe illuminar o rosto, succedeu-se um profundo abatimento.

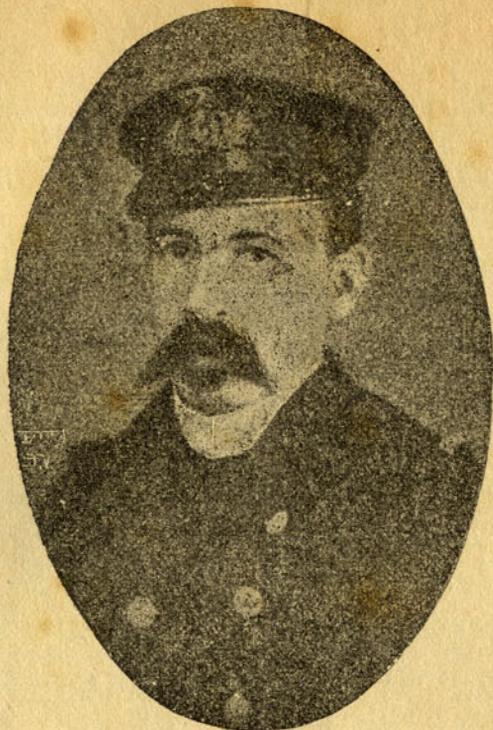
O jantar decorreu no meio da maior tristeza. Poucas palavras se trocaram, e haviam de ser 10 horas quando se foram deitar.

E assim foi que se encontraram no outro dia, cedo bastante, junto á amurada, de onde, pouco depois, viram desenharem-se a costa hespanhola.

O dia de quinta-feira foi passado vagueando pela tolda e em consultas na casa de jantar.

A's 9 horas lançavam ferro e recebiam a visita das auctoridades do porto que lhes dispensaram um captivante acolhimento.





## *Candido dos Reis*

---

Um facto porem, veio entristecer todos quantos se rejubilavam pela victoria das tropas revolucionarias. — Foi a morte de Candido dos Reis. — Tida para uns como suicidio, como crime para outros, o que é innegavel é que a morte d'esse heroe, veio abrir uma grande lacuna na nossa Marinha de Guerra.

Candido dos Reis, esse brioso militar foi encontrado morto, em Arroyos, na manhã de 4 de Outubro, ferido por um tiro de revolver.

Ainda na vespera, esse valente vice-almirante tinha durante todo o dia andado a tratar dos preparativos para o movimento, que teve por fim a proclamação da Republica.

Paz á sua alma e gloria ao seu nome.

---

PREÇO 50 RÉIS